

ANO I—N.º 41—PREÇO: 1 ESCUDO
LISBOA, 26 DE FEVEREIRO DE 1942

O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO
fazendo, no sábado passado, na Assembleia Nacional, a sua exposição ao
país sobre os factos ocorridos em Timor.



VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ESTÓRIA DA GUERRA

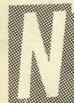
GERAÇÃO MILITAR

* por Carlos Terrão *

capítulo 1 * A guerra holandesa

3

COMO SUCUMBIRAM A HOLANDA E A BÉLGICA



A Holanda não se ignorava os preparativos alemães. O exército estava mobilizado e ocupava as posições defensivas que precisamente lhe tinham sido marcadas. O governo, a fôrça armada e a população pareciam igualmente animados dum desejo firme de resistir ao ataque quando este se produziu. As inundações deviam desman-

penhar no conjunto do sistema defensivo do país um papel capital. Era com este pensamento que o Estado-Maior francês e o Conselho Supremo dos aliados franco-britânicos encaravam a possibilidade de fazerem avançar a tempo o grosso das suas fôrças. Em quatro dias, o exército holandês depunha as armas, o governo e a família real refugiavam-se na Grã-Bretanha. Como lêra possível isso?

No noite de 9 para 10 de Maio, um ruído inversormal encheu o céu do país. Os aviões alemães lançavam nas embocaduras das principais ruas e portos — Rotterdam, Amsterdam, Heider — minas magnéticas a fim de impedirem o funcionamento regular das comunicações marítimas. Ao mesmo dia, outras esquadilhas aéreas, em vôo baixo, atacavam os aeródromos e destruíam os aviões que neles se encontravam pousados. Nos portos, simultaneamente com a colocação de minas, amarravam poderosas hidro-aviões. Satom já não soldados que, utilizando pequenos barcos de borracha, ocupavam ilhas e ancoradouros, instalando, com uma rapidez desconcertante, ninhos de metralhadoras ou espalhando-se pelos campos. Por tôda a parte, desciam de grandes aparelhos de transporte enormes de paraquedistas. Eram verdadeiras unidades organizadas dum tipo novo, a infantaria do ar, que actuava em todos os pontos cuidadosamente indicados por terem qualquer importância estratégica. Alguns dos seus elementos mais capazes têm assinalado uma missão especial: opor-se às das pontes, evitando que os soldados encarregados da sua guarda as destruam.

No arquipélago da Rotterdam (Walcheren), desentrou-se uma cena impressionante: bombardeiros alemães actuam, com precisão, em volta do terreno, cavando uma cintura de artilharia que os paraquedistas utilizam, instantaneamente, como abrigos para destruírem os obstáculos que os seus inimigos impedem a descida dos seus aviões. Estes podem, logo em seguida, descer tranquilamente e desembarcar tropas.

O ENVOLVIMENTO VERTICAL

Os americanos chamaram, com propriedade, a esta manobra inédita o envolvimento vertical. A técnica militar e as táticas que com ela se prendem tinham ensinado, com a lição e a experiência de séculos, a evitar o envolvimento no terreno, acumulando a segurança das alas nos exércitos que se batiam. Desta vez era a tática nova e inesperada que fazia a sua aparição. Os combatentes eram envolvidos e dizimados por um inimigo que, vindo do céu, caía à sua volta.

Em Deil, as aviões de transporte pousavam nas ruas largas e desembarcavam soldados. Mal pousavam e desembarcavam esses soldados eram logo removidos — fim-de que as ruas ficassem livres para



O Rei Leopoldo da Bélgica durante uma visita à frente de batalha

que outros aviões possuíssem e desembarcassem outros soldados. Tudo isto era realizado com uma perfeita desconcertante e com uma rapidez diabólica. Só por milagre a família real escapou de ser presa na Haia. Era este um dos objectivos imediatos dos ataques que pôde ser evitado, não sem riscos e dificuldades.

O comandante em chefe do exército holandês, general Winkelman, estava perturbado pelas características do ataque imprevisto que se realizava, ao mesmo tempo, em numerosos pontos. À sua perplexidade era agravada pelo curso ininterrupto das notícias falsas ou desoladoras, postas a correr em condições misteriosas. A população, logo no primeiro dia, perante a intensidade dos bombardeamentos aéreos e o carácter inédito da acção militar, começava a deixar-se dominar pela dúvida, primeiro, pelo receio, depois.

Os soldados holandeses, colocados perante um inimigo que os desorientava, baixam-se o melhor que podiam. Mas a cegueira da infantaria alemã não conhecia limites. Em certos pontos, nas ruas das cidades, nas imediações dos aeródromos, desencovavam-se combates violentos em que o espírito de holandês pela sua terra natal se afirmava heroicamente. Alguns bairros de Rotterdam estiveram, sucessivamente, nas mãos dos dois adversários. No seu conjunto a direcção militar holandesa estava paralisada. Por seu lado os alemães sabiam que os golpes de mão realizados com êxito só surtiriam efeito desde que o exército de terra do Reich actuasse imediatamente.

A ACÇÃO DOS PARAQUEDISTAS

O plano alemão: visava a conquista rápida do

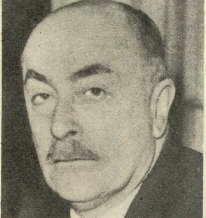
país por uma penetração feita ao longo da sua fronteira meridional. Para isso era preciso ocupar, antes que elas fossem destruídas, as pontes de Rotterdam, Dordrecht e Moerdijk. Para realizar este objectivo fundamental convergiam os esforços dos paraquedistas, dos agentes secretos e dos elementos locais simpatizantes com a causa dos invasores. As pontes foram tomadas, pelas acções de reser, pela fôrça. Rapidamente os elementos avançados do exército de terra alemão, fôrças motorizadas, carros blindados e motocicletas, penetraram em território holandês. Auxiliados pela acção dos bombardeiros voando em picada, obrigaram a recuar os guardas das fronteiras. Na tarde de 16 de Maio, as linhas defensivas da Holanda meridional estavam a ser ultrapassadas pelas primeiras divisões da infantaria alemã.

A acalmia relativa trazida pela noite succederam no dia seguinte violentos combates de ruas. Estes assumiram maiores proporções em Haia, e precisamente nas imediações do edifício do palácio real e do quartel general. Em algumas artérias da capital viam-se soldados holandeses, encostados uns aos outros para poderem defender-se em duas frentes. As inundações, em que tantas esperanças se tinham depositado, não se produziram com a quantidade e a intensidade esperadas. O efeito de surpresa contribuiu, para isso, de maneira decisiva. No dia 12, as características da luta mantiveram-se. No dia 13, o avanço alemão tomou maior amplitude, prosseguiu com um impeto extraordinário. Em Dordrecht e em Rotterdam, a infantaria, que penetrara pela região fronteiriça, fazia a sua ligação com os paraquedistas. O avanço francês, já em marcha, chegava demasiado tarde.

A intervenção da R. A. F., que fazia cuidadosamente a sua aparição no céu da Holanda, não podia também evitar o sacrifício da população de Rotterdam, sujeita a ataques aéreos em grandes escala. Cerca de seis milhões de civis viviam envolvidos numa batalha temível e desigual. O sacrifício de numerosas vítimas corou o ataque realizado em proporções que não tinham sido atingidas na campanha da Polónia.

OS HOLANDESES DEPOEM AS ARMAS

No dia 14, de manhã o exército holandês de-



Pirot Presidente do Conselho belga em 1940

punha as armas. Ao chegar a Londres, a rainha Guilhermina marcava a sua posição de hostilidade ao Reich numa declaração radiodifundida. «Desde que me convenci de que nem eu nem os meus ministros estavam em condições de exercer a autoridade suprema nos Países Baixos, tomei a decisão, dura mas necessária, de transferir para o estrangeiro a sede do meu governo. Essa sede passa a ser em Londres e o governo holandês não está disposto a capitular. O território dos Países Baixos, em que continuarei a reinar, as Indias Holandesas e as restantes possessões, constitui um Estado soberano que tomarei parte, de futuro, nas deliberações dos aliados. No momento próprio os holandeses recuperarão o seu território da Europa. Deverá recordar-se todos de que, no meio de tantas calamidades que nos têm afligido ao longo da nossa história, sempre a nossa pátria nos ajudou e voltou a ser livre. Assim será ainda desta vez».

A ocupação da soberana entregava aos cheles militares e ao general Winkelman a sorte do país. Esta não podia deixar de ser a rendição, sem condições de todas as forças armadas e a terra da Holanda, justificada num comunicado do comando: «Numerosas tropas inimigas conseguiram atravessar o ponto de Moerdijk e ocupar Rotterdam depois dum violento bombardeamento aéreo desta cidade. O comando de todas as forças armadas não pôde penetrar rápida. O grosso das nossas tropas ficou ameaçado dum ataque fulminante pela retaguarda. Nestas circunstâncias e para evitar a destruição total do país, o comando em chefe decidiu o parecer de que qualquer resistência era inútil e que o exército devia depor as armas».

O primeiro bastião defensivo dos aliados caiu assim em quatro dias. Na Zelândia a resistência, com carácter epifânico, prosseguiu ainda durante alguns dias. Terminou quando, por sua vez, o exército belga também se rendeu. Entretanto os navios de guerra e mercantes holandeses que se encontravam ancorados nos portos conseguiram afastar-se e ir juntar-se às esquadras dos aliados.

AS DEFESAS DO TERRITÓRIO BELGA

Com a invasão da Holanda, obedecendo a um plano de conjunto que visava o aniquilamento do poder militar da França, iniciou-se a invasão da



A Rainha Guilhermina da Holanda com sua família

sionante pelas bombas dos aviões voando a pouca altura. No interior das fortificações os soldados eram atirados contra as paredes, tal a violência da explosão produzida pelas explosões. A artilharia anti-aérea era impotente para deter a ronda sinistra dos aviões. A noite começaram a descer em volta do forte cuja guarnição se encontrava profundamente desorientada, os primeiros paraquedistas. Estes, com uma precisão que revelava o seu conhecimento perfeito do local, faziam saltar as portas com auxílio de granadas e cargas explosivas. A fortaleza, que poderia resistir longamente aos mais duros assaltos da artilharia de qualquer calibre, rendia-se assim em poucas horas perante os métodos impressionantes da guerra relâmpago.

O MALAGRO DO PLANO ALIADO

No canal Alberto uma bomba de avião matou, logo começou a cair o plano concebido de fazer saltar as duas pontes que ficavam mais próximo do enclave de Maistucht. A este incidente, seguiu-se uma certa confusão. As ordens e contra-ordens eram dadas por elementos cuja idoneidade não podia ser devidamente controlada. Entretanto, as primeiras forças motorizadas alemãs chegavam próximo das duas referidas pontes, ocupando-as. Mais tarde um oficial belga conseguiu penetrar nas linhas alemãs e, com o sacrifício da própria vida, alcançou a câmara de explosão dum das pontes, fazendo-a saltar. Mas a outra permitiu a passagem de numerosos elementos motorizados e mesmo de soldados de infantaria do Reich que avançaram até Tongres e, durante a tarde, até Waremme. Estas unidades tornaram-se rapidamente conhecidas em Bruxelas, onde produziram uma impressão enorme. Também a torrente alemã não tardaria, por sua vez, a dominar as fortalezas de Liège e a posição fortificada de Namur. Ao fim de trinta e seis horas, a principal linha defensiva, aquela com cuja resistência o Conselho Supremo dos aliados contava para fazer reagir os reforços franco-britânicos até ao Dyle, aliou. O exército belga retirava para uma posição da retaguarda, prevista para Louvain, apenas a vinte e cinco quilómetros da capital.

O avanço das tropas aliadas, previsto pelo general Gamelin, foi retardado pela série de incidentes que os métodos expeditos da guerra relâmpago tinham provocado; esses mesmos incidentes serviam para acelerar, em proporções inesperadas, o avanço das tropas alemãs. O grosso dos exércitos franco-britânicos não pôde ocupar, nos pontos estratégicos, as posições onde devia entrenchear-se e organizar-se para resistir eficazmente ao embate do inimigo. Durante uma viagem de inspecção rápida que fez ao território belga, o sr. Daladier constatou esta realidade que desorganizava todos os planos concebidos pelo Estado Maior francês. Os dias 12 e 13 confirmaram as primeiras impressões pessimistas chegadas às capitais dos países aliados. O comunicado oficial do dia 14 não deixava dúvidas sobre a gravidade da situação e a necessidade de uma recuperação imediata. Era esta esperança que transparecia nas suas últimas palavras: «As nossas tropas encontram-se em contacto com um inimigo que põe em campo todo o seu poderio em carros de combate e em aviação».

O PESSIMISMO DE PERLOT

A desorientação passa da rua aos gabinetes ministeriais. Chegam a tempo as tropas aliadas

que tinham partido em socorro da Bélgica? O chefe do governo deste país, Hubert Pierlot, declarava a um jornalista francês: «Amanhã vou dizer que a Bélgica não quis bater-se. É preciso saber em que condições o combate se trava. A Bélgica tem apenas cinco dias de resistência. Mas o nosso equipamento de guerra é, proporcionalmente, idêntico ao da França e superior ao da Grã-Bretanha. O país pediu à sua população sacrifícios em homens e em dinheiro que atingiram o limite das suas possibilidades. Não poderia ter, porém, a pretensão de organizar um exército aéreo capaz de derrotar a Luftwaffe. Por isso pergunto: onde estão os aviões franceses, onde estão os aviões ingleses? Sem esse auxílio, o nosso país não será capaz de lutar. Estamos decididos a lutar enquanto nos for possível».

O chefe do governo belga, cujo nome havia de aparecer depois ligado a todos os acontecimentos dramáticos ocorridos durante os meses de Maio e Junho, acrescentou: «O governo francês não conseguiu fazer o máximo. O que quer que dizer o máximo? Têm os franceses aviões? Têm-nos os ingleses? Ou não os têm? Devo, entretanto, confessar-lhe a minha opinião, baseada unicamente no cálculo com o número de aparelhos de que me falaram pela telefone». Esta entrevista é reveladora. Ela revela, simultaneamente, o grau de responsabilidade dos governos dos dois países. A França não tinha aviões porque não construiu a tempo. A Bélgica sabia, telelônicamente, que esses aviões não existiam na altura em que as suas fronteiras eram invadidas porque sistematicamente se recusava a estabelecer com os seus prestadores de cuidados os contactos de Estados Maiores indispensáveis a concertar-se, com probabilidades de êxito, uma acção militar comum.

O primeiro corpo de cavalaria do exército francês e as primeiras divisões ligeiras mecanizadas procuraram retardar, com pesadas perdas, o avanço do inimigo nas regiões de Tongres, Tirlemont, Huy e Thimmes. Equações inteiras sucumbiram perante a avulsa e descoordenada pelas armas. A cavalaria, apoiada na artilharia, escreveu uma página de heroísmo e de sacrifício. Alguns pelotões, montados em enguiços rápidos, penetraram nas linhas inimigas, atacando o terreno de cima. Em simples epifânias isoladas que não alteraram o curso inexorável dos acontecimentos.

O EXODO DA POPULAÇÃO

«Aldeias inteiras—hávia de contar mais tarde André Maurois—fugiam com o «maître», os funcionários municipais e o cura. As estradas enchiam-se de multidões de fugitivos. Era a fuga em massa do indivíduo. A frente seguiam os automóveis de ricos, guiados por motoristas elegantes; seguiam-se os carros dos indivíduos de menos posses, que guiavam fiéis próprios, transportando, em geral, no toldado, um colchão por cima do qual se enroscavam e os trens transportando famílias inteiras, ledoados por autênticos batalhões de ciclistas em traje civil... O método é conhecido. As colunas motorizadas dos aliados, cujo avanço já tinha sido retardado pelos incidentes fronteiriços, viam-se detidas constantemente pela onda de fugitivos que não parava. Nunca se via colúna semelhante. A intensidade do ataque aliado e o infladão dos meios de acção postos em jogo pela Wehrmacht tinham semeado o pânico. Este propagava-se com uma rapidez relâmpago. A facilidade de comunicações e a circulação de boatos e de notícias falsas tornavam ainda mais grave a situação da população. Não faltava sem fundamento que o Reich contava na perturbação imediata que a aplicação dos seus métodos de guerra devia causar no campo inimigo».

O primeiro comunicado de origem francesa dava conta da viagem de inspecção do sr. Daladier à Bélgica. As tropas aliadas, diz este documento, avançaram, por toda a parte, provas dum coragem magnífica e de uma resistência heroica. O avanço inimigo com um sangue-frio notável e dominava a situação. A pesar-da intensidade dos bombardeamentos aéreos as populações das regiões fronteiriças não tinham-se caladas. Por toda a parte reinava uma ordem impecável e os combates, repletos de tropas, circulavam normalmente. «No decurso da sua viagem, concluiu o comunicado, o sr. Daladier, acompanhado por eminentes personalidades militares francesas e britânicas, foi saudado o soberano da Bélgica».

A verdade era singularmente diferente. Ao fim de quatro dias (14 de Maio), o exército holandês abandonou as armas e as tropas aliadas estiveram à beira de morte. Mais grave do que isso, a invasão da França começara. Essa invasão era a terceira que se registava no prazo de setenta anos. Caracterizava-se tipicamente um nome de mau preságio: Sedan. Mas não era esta a primeira vez que se conhecia que a resistência na Moesa se revelaria eficaz. As notícias exactas do que se passava não tardariam a dissipar essa ilusão.

(Continua)

(Rigorosamente proibida a reprodução, mesmo parcial)

General Winkelman, comandante-chefe do exército holandês

Bélgica. No mesmo dia 10 de Maio, o rei Leopoldo assinou efectivamente o contrato das suas tropas a fim-de resistir ao ataque alemão. O sistema defensivo do país fora estabelecido ao longo de uma linha orientada na direcção norte-sul, e cujos pontos fortes eram: o campo entrenchado de Antuérpia, o canal Alberto, o forte Eben-Emael (que barrava a abertura natural de Maistucht), a região fortificada de Liège e o curso do Moesa. Na extremidade desta linha, tropas ligeiras tinham por missão retardar o avanço do invasor quando este aparecesse. Estas tropas foram as primeiras a ceder perante a pressão do inimigo, ao mesmo tempo que as destruições de pontes nas regiões fronteiriças não criticadas acabaram impedidas pela acção rápida das guardas avançadas alemãs.

No dia 11, vinte e quatro horas depois de iniciado o ataque alemão, o canal Alberto e o forte Eben-Emael, considerados inexpugnáveis, cediam por sua vez. O sistema defensivo belga, que importava em muitos milhões de francos, ruía estrepandamente. Que se passara efectivamente nestes dois pontos vitais?

Os belgas tinham acumulado nos forte Eben-Emael as mais defensivas mais poderosas. Para os aniquilar, centenas de aviões de bombardeamento alemães lançaram, ininterruptamente, sobre o forte cargas explosivas formidáveis cuja capacidade de destruição ultrapassava em muito a dos mais poderosos obuses então conhecidos. As cúpulas de comando eram atingidas com uma precisão impres-

Vida
no
Brasil



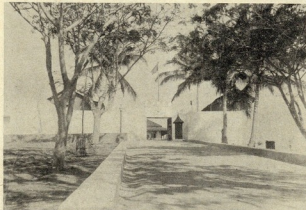
OS CHEFES DAS DUAS NAÇÕES PENINSULARES conferenciando em Sevilha durante o histórico encontro do dia 12 deste mês. Com o sr. dr. Oliveira Salazar e o generalíssimo Franco, vêm-se algumas personalidades espanholas.

TIMOR

terra portuguesa



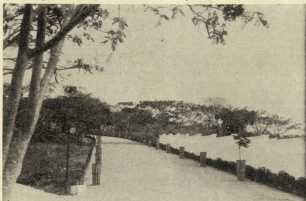
QUANDO DUMA VISITA DO «GONÇALO ZARCO» A TIMOR, a população de Oé-Cesari, parte portuguesa encravada no território holandês, prestou lúida recepção aos marinheiros do continente.



O pósto de Balibó, na fronteira com a parte holandesa da ilha



O rei indígena de Atabaí, do território português, com a sua corte



Um aspecto da bela rua Alferes Francisco Duarte, em Balibó



Uma plantação de tabaco em Balibó



Indígenas timorenses pescando na Lagoa de Bé-Malai



Caga nos crocodilos na lagoa de Betugadé. — (Fotos António Macedo)

Panorama Internacional

Teste de Brest

por Francisco Velloso

Os estampidos da passagem de uma esquadra alemã na Manchúria e da capitulação de Singapura efervescentes as rearguardas da operação britânica, mas nem um nem outro facto trouxeram ainda esclarecimento aos horizontes da guerra e da situação internacional. Esta continuação fixa nos seus pontos: — a campanha da ofensiva russa, o bloco pan-americano, as ligações marítimas com a Grã-Bretanha, as possibilidades de uma ofensiva dos Aliados na China e na Birmânia, e a defesa de Suez e do Egito.

NERVOS INGLESES

Abrimos as páginas do *Daily Mail* de 17 do corrente mês. Da primeira à última, coluna por coluna, recreare um alarme. Nem mesmo nas horas seguintes a Dunquerque, se encontra a imprensa britânica em semelhantes temperaturas e sobretudo em semelhante estado de visível, palpável e lamentável desorientação. Um amigo, assás conhecedor das latejações da vida inglesa e das suas opiniões, anota a nosso lado:

— Tudo isto é resultado da falta de bombardeamentos da *Luffwaffe*. Se sentíssem o perigo a passar no meridiano dos respectivos narizes, os ingleses intrinsecamente reagiriam heróicamente como em 1939 e 1940. Numa guerra cujas molas reais são o trabalho em silêncio e o segredo hermético, o inglês desceou a falar demais e para todo o mundo ouvir — todo o mundo... e os agentes secretos alemães. Como a Rússia está a agüentar a batalha admiravelmente, o inglês já se considera desafogado para recuar em vicios dos regimes de opinião, e para se enervar, à falta de outros desportos. Como já não pode discutir com o inimigo por meio da R. A. F., discute com Churchill, tomadinho tempo e embarcando-o, por meio de interperações nos Comuns e de títulos da altura de polegadas nas folhas. Acaso o que Heráclito na quinta coluna (na qual se mistura gente da finança e da aristocracia de sangue) não conseguirá, logrã-lo-a a estupidez?...

O nosso amigo estava visivelmente mal humorado, mas no fundo talvez houvesse sua dose de razão. É comum na Grã-Bretanha, como aliás na Alemanha, apodarem nos de exaltados, e nós os la-

tinios. Muito mais claros de inteligência do que os saxões, nós de facto não compreendemos que, neste momento, só porque três navios de superfície da esquadra alemã que pretendiam passar de Brest para o Mar do Norte pelo Canal da Mancha foram obrigados pelo fogo de 600 aviões britânicos a refugiarem-se nos portos daquele mar, e só porque Singapura capitulou como andava anunciado, se haja levantado na Inglaterra o rumor dos escarcarés, e, como faz o *Daily Mail*, se exalta para remedio, não a ofensiva actuante, mas... as eleições gerais!

Espectadores como somos, talvez não distingamos bem o que se passa na pista, mas confessamos que parece estarmos ante um caso de loucura, semelhante àqueles em que por mais de uma vez foram negados os meios de vencer ao grande Nelson, simplesmente porque o *Lloyd* não compreendia que o genial almirante trazia na palma da mão o destino da Inglaterra.

Por outro lado, percebemos o cuidado com que a vanguarda francesa da agência de informação de Berlim explora nas gazetas de todo o mundo os efeitos desastrosos perurbânicos internos, anunciando *arbi et arbi* a substituição de Churchill por Beaverbrook ou por Allee, tentando perfurar e lascar o prestígio britânico e criar ambiente a negociações entre Vichy e Berlim, que daremos competente referência em tempo oportuno, e que já chamaremos outra vez Nogueás a falar com Pétain.

Julgamos, porém, que os factos, na sua exata realidade, caminham e caminharão noutra direcção, e que os termos já patentes da equação da guerra e da situação política internacional não podem sofrer alterações.

O FULCRO DUMA VITÓRIA

O caso vem de traz, tendo por *leit-motif* a intensificação da produção que levou Churchill a entregar a Beaverbrook os plenos poderes de se dirigir. No dia 12, de endereço novo ministro da produção, fez na Câmara dos Lords declarações muito importantes que deixaram mal cotecados os acusadores de que o esforço britânico decaria. Esse discurso não só um programa, é também um balanço de contas.

Beaverbrook enunciou em primeiro lugar o sistema de cooperação entre a América e a Grã-Bretanha transformadas numa só fábrica, num só arsenal e num só

bloco de matérias-primas, utilizando-se ao mesmo tempo todas as fontes de abastecimento onde quer que elas se encontrem, e procedendo-se em comum a uma distribuição de reservas. E acrescentou: *«Provavelmente a Grã-Bretanha, dentro em pouco, poderá fornecer mais do que recebe, mas num futuro não muito longe, penso que poderemos distribuir material de guerra em quantidades muito superiores do que desajuremos, se tanto for necessário. Ora, é precisamente isto e só isto — uma razão de produção num mínimo de tempo e com urgência — que reside para os Aliados, nesta conjuntura, a condição de transformar o panorama dos acontecimentos.*

Beaverbrook não hesitou em denunciar que grande parte do país ainda não se apercebe desta verdade e mostrou como, a despeito de deficiências, a situação é excelente. Em 7 meses a produção de munições dobrou e até quintuplicou. A de *«tanks»* triplicou desde janeiro de 1941 e em dezembro último fabricavam-se 30 mil canhões por ano e desde então este número já aumentou.

Estes exemplos já falam por si, mas Beaverbrook foi mais longe e revelou com factos qual o gigantesco esforço da Inglaterra na indústria de guerra e na redistribuição de armamentos. Esse revelação foi sensacional. É preciso guardar para reler, esse trecho do seu discurso, como uma peça histórica.

«Foi impossível reservarmos arma para nós, assim é dever nosso produzir mais e mais de forma a satisfazer os pedidos que nos são feitos pelos outros países e pelos Dominions. No ano de 1941, enviámos da Grã-Bretanha 9.781 aviões e recebemos 2.134. Enviámos também para fora do país cerca de 3.000 «tanks» e recebemos somente 200. Assim, fornecemos aos Aliados, nos Dominions e às nossas tropas um grande número desses engenhos.

Por duas vezes se fez apêlo para produzir tudo quanto pudésemos. Primeiro foi quando da batalha da Grã-Bretanha. Esforçámo-nos na produção de canhões muito além do que era permitido esperar dos nossos recursos. Pelo segunda vez, foi quando da batalha de Moscovo, quando os alemães eram necessários imediatamente. Os «tanks» de fabrico britânico tiveram um papel importante na defesa da capital da Rússia.

Expalhará-se com efeito, e intenção de que a Inglaterra não trabalhava, e afinal foi só ela, mal amparada pela rearguarda norte-americana, que trabalhou e, mais ainda, forneceu os «scríptos». Que esta produção não chegou a tódia a parte? Que a Austrália não trabalhou como o Canadá e até como a África do Sul? Churchill já de

monstrou que, a enfrentar sósinha uma guerra por linhas exteriores, a Grã-Bretanha não podia estar com igual força em tódia a parte, e que, por isso mesmo, graças ao assalto japonês, a entrada dos Estados Unidos na guerra foi acontecimento capital, prolongado pelo da formação do bloco pan americano.

Há três problemas a resolver: — o das matérias-primas cujo abastecimento se centraliza nos Estados Unidos, o de máquinas e ferramentas cujo fabrico tem de ser proporcionalmente a valer, o da mão de obra. Mas quanto a este, Beaverbrook despediu o seu muro ao alvo, com a coragem dum jogador que sabe o que faz: *«Doa operários, temos recebido o material necessário. Há a impressão de que existe gente que nada faz senão divertir-se na ociosidade. Mas trata-se de um ponto de vista absolutamente errado quando tal se atribui a acção dos operários britânicos. As nossas reações com a população trabalhadora de todo o país dão-nos satisfação absolutamente completa.*

O flanco da oposição atropeladora que provoca diante do inimigo, numa hora vital, a crise política, ficou a descoberto. Depois destas declarações, parecia que o caso se arrumava. Beaverbrook não tem sido homem que troque as palavras. Os acontecimentos trouxeram, porém, novas brasas à fogueira.

DOIS ESCANDALOS

Na noite de 12 de maio, em 13, uma esquadra alemã, de antiga formação dela, composta de *«Zers»* e *«na»*, do *«Scharnhorst»* e do *«Príncipe Eugénio»*, saiu de Brest e atravessou o Canal da Mancha de forma a ser descoberto por outras unidades, sob o comando do almirante Ciliax. Para onde ia essa esquadra? Tódias as primeiras informações coincidem em que se dirigia ao Atlântico. Depois, as seguintes afirmaram que os alemães se dirigiam às bases do Mar do Norte a juntarem-se ao grosso dos efectivos navais. Os navios foram atacados por 600 aviões e unidades ligeiras d' esquadra inglesa. Provou-se que a R. A. F. fez mais do que podia para ferir a esquadra.

Provou-se que os contra-torpedeiros e as lanchas torpedeiras inglesas cumpriram o seu dever. Provou-se que ao abrigo das baterias da costa francesa, belga e holandesa e do seu próprio fogo e da má visibilidade, a operação alemã, tivesse ou não tivesse sido atingidos alguns barcos, foi habilmente preparada e conduzida superior-

(Continua na pag. 14)



NOGUEÁS



BEAVERBROOK



Figuras da Vida MUNDIAL

O MARECHAL DO REICH HERMANN GOERING, grande piloto-aviador de «caça» na guerra de 1914-18, actual ministro da Aeronáutica do governo alemão, comandante-chefe da «Luftwafe» e principal orientador das operações das forças aéreas germânicas em sucessivas campanhas na Polónia, na frente ocidental, nos Balcãs, nos ataques a território inglês e na frente oriental.

(Caricatura de Cândido Costa Pinto)

FALA-SE ESTA SEMANA DE...

RAMADA CURTO



Autor do livro «Do Diário de José Maria» recentemente pôsto à venda em edição da «Vida Mundial». O ilustre dramaturgo, que é, indiscutivelmente, um dos grandes estetas da produção dramática portuguesa, mostra-nos neste novo volume as suas extraordinárias qualidades de prosador, de cronista, meio filósofo, meio romancista. Nas páginas correspondentes às fôlhas do diário de seu José Maria, encontra-se um tratado de filosofia e a linha geral dum grande romance. Este livro é o grande êxito do momento literário e um novo motivo de aplauso, muito justo, dos admiradores de Ramada Curto.

MARIA MANUELA COUTO VIANA



Autora do romance «Baixas que não secam», que obteve o 1.º prêmio no Concurso Literário «Procura-se um romancista», interessante iniciativa do Grémio Nacional dos Editores e Livreros. Maria Manuela Couto Viana, justamente galardoadá neste concurso pelo Sindicato Nacional da Crítica, é natural e residente em Viana do Castelo. Requitado espírito de artista, — poetisa, desenhadora, declamadora e artista de cinema (já filmou em papéis episódicos nas produções «Revolução de Maio» e «Rosa do Adro») — é também — prova-o agora este concurso — uma literata de excepcional qualidade.

TENENTE-CORONEL SALVAÇÃO BARRETO



Que recentemente levantou na Assembleia Nacional a questão de saber porque não está ainda habitado o «Bairro Popular Oliveira Salazar». O distinto deputado, recordando as despesas feitas para a construção do referido bairro pela Câmara Municipal, de cuja verificação fez parte, pediu que o Município informe qual a razão do abandono a que foi votado aquêlê bairro — abandono que prejudica 152 famílias que o podiam habitar — ou da não entrega, aliás prometida, ao Instituto Nacional do Trabalho, para que este lhe dê o destino com que o construiu a Caixa de Reforma e Assistência do Pessoal da Câmara Municipal.

MARIA SIDÓNIO



Que foi a grande revelação do Carnaval dêste ano no Gindasil, 21 anos radiantes de mocidade, vez muito conhecida da Rádio, uma simpática personificada. Gosta muito do Cinema e também do Teatro, e tal ponto que uma d'na está resôlvida a seguir a carreira teatral e outros não. (Estes são os únicos em que a família está de acôrdo com ela...). É morena, usa turbante, colares de côr e outros adôrços de alêm-Atlântico, mas não gosta que lhe chamem a Carmes Miranda lisboeta porque não pretende imitar a vedeta da Rádio brasileira, interpreta os nomes brasileiros como sabe e, sobretudo, como os sente. Tem vontade de ir ao Brasil, mas não para cantar sambas porque acha que isso seria o mesmo que levar laranjas para Setúbal.

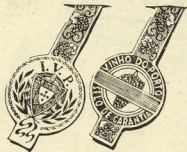


1942

O

VINHO do PORTO
dos velhos tempos — corre
o País autenticado pelo

SÊLO de GARANTIA



O membros do Governo assistindo, na galeria reservada, à sessão da Assembleia Nacional em que o sr. dr. Oliveira Salazar falou sobre a Invasão japonesa de Timor.

A ESFERA MISTÉRIA

Grande romance policial do escritor americano Max Felton

Especial para a Vida Mundial Ilustrada

Y OHN Read só se avisou com o seu ajudante no dia seguinte de manhã. Quando, estafado, com a cabeça desorientada e confusa por tantas emoções desse dia intenso, chegou à sua casa, de Oakland Street, há muito que Jack Harman se havia retirado.

Inquiriu do seu criado Giovanni se tinha ocorrido alguma coisa de extraordinário durante a sua ausência. Tudo normal, «mistês» Read respondeu o servo, ao mesmo tempo que lhe servia um jantar ligeiro, embora nutritivo, que lhe repaísasse as forças, sem perigo de complicações de digestão.

— Visitas, houve muitas? — perguntou ainda o «detectives», com frouxa curiosidade.

— Apenas duas — disse Giovanni. — Uma, que apenas se demorou uns breves minutos; outra, que teve uma longa conversação com «mistês» Harman. Tinha tipo de inglês, um inglês rico. Parecia um «lord» que eu vi uma vez retratado numa ilustração.

Read ficou pensando que o inglês seria possivelmente um novo cliente. Os ingleses têm a mania das investigações complicadas e querem que os «detectives» procedam como o Sherlock Holmes de Conan Doyle, farejando tudo, examinando pedras e seguindo os sulcos produzidos na terra pelas rodas dos «cabas», numa época em que já não há «cabas», nem estradas de terreno mole onde as marcas dos carros deixem sulcos perduráveis.

Decidiu-se Read a deitar-se, pouco depois de jantar, o que era contrário aos seus hábitos. A sua fadiga era tão grande que não pôde resistir à atracção do leito. E, pelas três horas da noite, dormia a sono solto.

Na manhã seguinte, estava retemperado e calmo. Com grande espanto, mal tinha engolido o primeiro almoço, entrou-lhe Jack Harman pela porta dentro, com semblante preocupado.

— Há notícias importantes! — disse Jack, atirando o chapéu para cima de uma cadeira e o corpo para o estômo de um «mapês».

— Há sei que foete visitado por um senhor inglês — disse Read.

— É verdade. Quem to disse?

— Giovanni.

— Ah! Realmente, durante a tua ausência, fui procurado por duas pessoas — exclamou Jack Harman. — A primeira era um empregado de John King que trazia este cheque.

Harman sacou da carteira e entregou o cheque, que Charles Read viu, num relance, atingir a cifra de vinte mil dólares.

— King mostra-se generoso... — disse ele, sorrindo sarcasticamente.

— Sem fazer caso do comentário, Jack Harman continuou.

— O empregado trazia também um recado: logo que pudessem que procurassem John King, porque ele precisa muito de falar contigo. É assunto urgente.

— Urgente?... — pronunciou Read.

— O assunto de mais urgência para ele é a descoberta da bola de aço. Mas vamos

ao que mais interessa agora: que desajaz o tal inglês? Maçar-nos?

— É um caso muito bocado — profereu Harman, sombriamente. — O mais curioso é que nos confundis direitinhos ao problema da esfera de aço.

— Quê!

— É o que te digo.

— Estou a ver que tudo se vai complicando — rousou entre dentes o «detectives».

— Ou simplificado — acudiu Harman. E após uma pausa, durante a qual fitou muito o seu companheiro, disse num tom quieto solene: — Que me dirias tu se eu te affiançasse ter descoberto o local onde se encontra a bola de aço?

— Endoiçeste?! — exclamou Charles Read.

— Nunca estive em tão periglio

— Sem que tu me expliques tudo, ponto por ponto, garanto-te que não compreendo a tua afirmação, senão como um caso de loucura — disse, por fim, o policia.

— Pois é o que vou fazer: relatar-te minuciosamente o que se passou e depois compreenderás que temos a caça na mão e que teremos que proceder muito cautelosamente, para não a espantarmos. Aliás, a caça veio, por seu pé, meter-se na ratoeira.

— Vamos, explica! — exclamou Charles Read, cheio de impaciência.

Jack Harman acendeu vagarosamente um cigarro, o que entorrou o «detectives», recostou-se melhor no «mapês» e profereu, espaçando bem as palavras:

— Ontem, depois de ter saído daqui o empregado de John King, Giovanni

— Pois bem, vamos aos factos.

— E Jack Harman narrou os factos.

O inglês chamava-se Georges Marly. Vivia habitualmente em Inglaterra, onde possuía uma grande indústria de maquinaria. Era uma espécie de John King inglês, mais requintado, mais educado e não se sabe se mais rico.

«Mistês» Georges Marly visitava frequentemente os Estados Unidos, em viagens que se relacionavam com a sua grande indústria. Investravam-lhe todos os progressos mecânicos, porque as suas fábricas em Inglaterra eram das mais modernas e perfeitas.

Havia um mês que, por ocasião de uma das suas visitas à América, relacionara-se com uma certa rapariga americana muito bonita e simpática, embora um pouco leviana. A despeito de já não ser nova «mistês» Marly permitia-se ainda umas certas aventuras amorosas, e era um apreciador do belo sexo.

«Mistês» Georges Marly contara, mesmo com basta cópia de pomerosidade, essa aventura, porque, em sua opinião, éles podiam contribuir para a decifração do enigma que vinha apresentar a «mistês» Read, que ele sabia ser um investigador famoso.

Travara conhecimento com a endiabrada rapariga, num cabaré, ali em Nova-Iorque. Essa mulher já, da primeira vez que a virá, acompanhada por um homem, um índi. E foi a presença d'este que facilitara as relações de certa amizade que se estabeleceram em seguida.

Georges Marly vivera, em tempos, na Índia, em Calcutta, onde ensaiava a industria de fundição de metais, que abandonara depois, porque a morte de um parente próximo, em Inglaterra, que lhe deixara uma herança avultada, o decidira a realizar na sua pátria o programa industrial que iniciara no Oriente.

O facto de o amigo de tal fôver ser índi facilitou a aproximação. Marly e o índi falaram com entusiasmo da Índia, evocaram mltas recordações e até falaram de pessoas que ambos haviam conhecido.

Mais de uma vez se encontraram os três, divertindo-se como bons amigos. Uma noite, porém, o amante do índi appareceu sózinho, alegando que o índi se encontrava adoentado. E nessa mesma noite, a rapariga tornou-se amante do industrial, passando a visitá-lo com muita assiduidade no seu hotel.

Um dia, sabendo ella que Marly se interessava muito por assuntos industriais, sobretudo quando se referiam à fundição e liga de metais, perguntou-lhe se elle estaria disposto a dar uma quantia compensadora por uma nova fórmula de liga que trouxera o aqdo de dez vezes mais resistente do que o que se conseguia com as fórmulas habituaes.

— Isso vale uma fortuna! — exclamara Marly. — Experimenta-se a fórmula e se der o resultado previsto ou mesmo aproximado, estou disposto a negociar a compra da patente.

Poucos dias depois, o índi appareceu na companhia da rapariga, ignorando de certo que esta se tornara amante do industrial. Juntaram todos três num restaurante discreto e, a meio do refeição, o índi apresentou a fórmula ao industrial, que este prometeu examinar.

O resultado do exame, apenas um exame teórico da fórmula química, foi



justo como agora — redarripui o ajudante. — Vou mesmo fazer-te mais uma revelação estupenda. Andas para aí a dar tratos à imaginação para deduzir quem roubaria a esfera, que conteria a esfera e onde está a esfera, não é verdade? Pois eu, se acaso não estou a sonhar — pois tudo isto me parece um sonho — creio poder dar-lhe resposta plausível a essas três perguntas.

— Mas tu viste a esfera? — inquiriu, duvidoso, o policia.

— Eu vi a esfera — pronunciou num tom solene, grave, Jack Harman.

Charles Read quedou por um largo momento em silencio, como que esmagado sob o péso daquela afirmação. Seria verdade? O grande enigma encontraria sua decifração, de uma maneira tão rápida e imprevista!

— Bem posto, com pronuncia de inglês, procurava por «mistês» Charles Read. Disse-lhe que não estava, mas que era teu ajudante e podia substituir-te. Pouco depois, Giovanni dava passagem ao cavalheiro que, na tua ausência, não tinha duvidas em tratar comigo.

— Era um homem dos seus cinquenta e poucos anos, muito bem trajado, muito delicado de maneiras, usando de uma linguagem pulza e salamalgasca à europia.

«Tratei-o com toda a deferencia e dispus-me a ouvi-lo. O homem parecia não saber como principiar. Hestava nas frases, escolhia os vocabuláos.

— E tu não sabes como acabar! — exclamou Read. — Estás a fazer romance barato. Vamos aos factos!

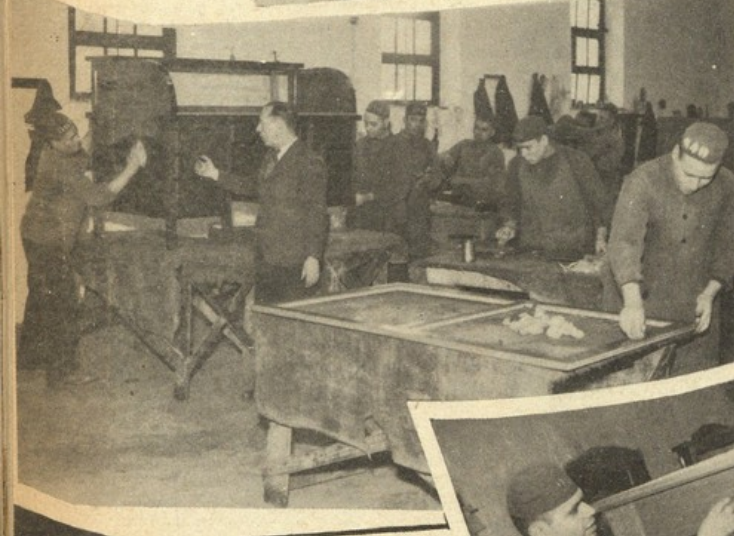
(Continua na pág. 12)



Dum contingente numeroso de sapateiros, sai obra perfeita e apurada...



Confeccionam-se moçaiscos...



Continua a polir-se...

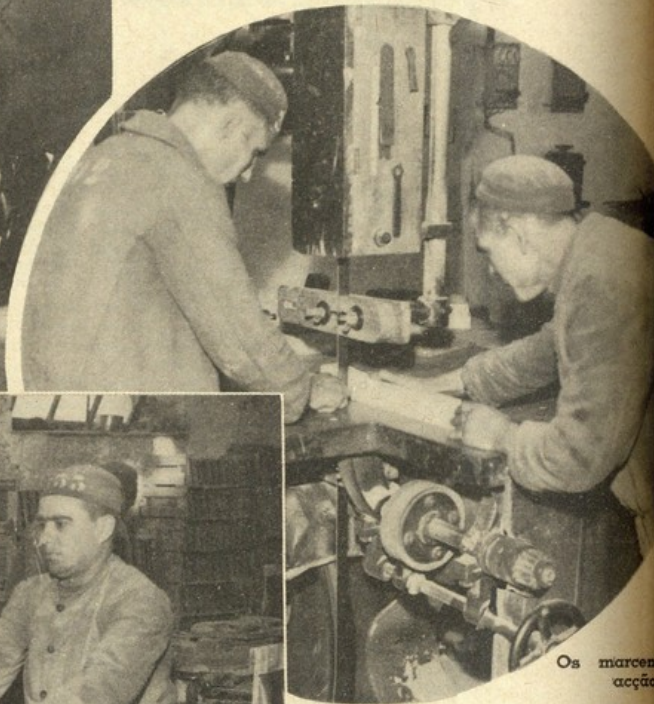


Para polir um móvel, não é preciso fazer força; basta jeito — diz o «Sargento Bera» exemplificando, perante a atenção do futuro polidor.

Uma cidade grande dentro dum grande cidade

Uma tarde na Silenciária de Lisboa

Uma reportagem por Lança Mota



Os marcen em acção



A FONSO, «o Sábio», há sete séculos escreveu: «Uma prisão deve ser para guardar os presos e não para nela se lhes dar pena ou fazer mal».

«No isolamento e no silêncio conversa contigo próprio: vê o que foste e o que virás a ser após a reconquista da tua liberdade».

A sentinela, abriu passagem, depois de declinar a minha identidade... Um portão... Dois portões... Gemem os gonços, tilintam as chaves, e atrás de mim tudo se cerra de novo...

No átrio há azáfama. A exposição de trabalhos dos reclusos terminara e procedia-se à sua desmontagem. Passaram por ali centenas de pessoas que não faziam a mais pequena ideia do que a exposição pudesse ser. E viram. E ficaram convencidas que a obra social era enorme — entranhadamente regeneradora e cristã. Esta reportagem, como corolário desses dez dias em que ao público esteve patente o produto da actividade dos presos, fica bem, de-

O caldo fumeira e cheira bem... Ao fundo, numa ampla cela, a carne aguarda o caldeirão...



mais que essa actividade não foi momentânea; projecta-se constante e indefinidamente.

Estou no gabinete do fiscal da Penitenciária de Lisboa, José Nunes da Silva Sanches. Enquanto o aguardo, os meus olhos vão retendo imagens. No corredor que dá acesso ao gabinete leio inscrições afixadas nas paredes. Todas elas revelando uma finalidade sã, visando a reconstrução dos espíritos malsinados num momento de fatalidade, em que abstraindo da indole do individuo, o sub-consciente, cego, desviado, subjugado e esmagado o consciente.

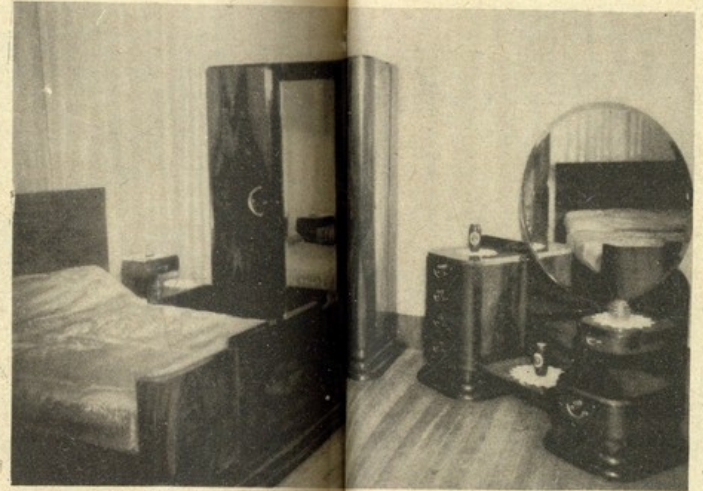
São máximas que não representam somente alinhamento de palavras, frases feitas. Podem ser o ponto de partida — é esse o seu objectivo — para a regeneração vitoriosa do individuo. Por toda a Penitenciária há sempre uma palavra de conforto, de fé e de confiança no porvir, que, afinal, para o preso, enquanto cumpre pena, se simboliza numa crueza interrogativa.

O sr. José Silva Sanches está na minha frente. Amabilíssimo, comunica-me que o senhor director, Doutor Almeida Eusébio, deu todas as facilidades para visitar a Penitenciária. E a peregrinação principia. É difícil escolher por onde. Iniciamos pela cozinha. Antes, porém, o meu cicerone chama-me a atenção para a disposição do edificio, que foi inaugurado em 2 de Setembro de 1885.

É uma estrêla de seis bicos. Cada bico compõe-se dum aglomerado de celas, onde também se encontram algumas oficinas. No ponto de confluência desses bicos, ao centro, está a capela, e daí se domina e observa nitidamente todo o movimento dos presos. Um só guarda chega para vigiar as atitudes dos reclusos, bastando-lhe dar uma pequena volta sobre si próprio.

Entremos na cozinha. Asseio impecável, característica aliás de toda a Penitenciária. Respira-se hygiene por todos os lados. O serviço é feito exclusivamente por reclusos. Uns descascam batatas. Outros migam hortaliça. Os cozinheiros, propriamente ditos, estão vigilantes nos seus postos. Com enormes colheres de pau, mexem o caldeirão onde ferve suculenta sopa. Espreito. Evola-se um agradável odor. Feijão encarnado com hortaliça e muitas batatas. Ao lado, está um caldeirão mais pequeno. É o da dieta. Nele ferve uma galinha, submersa em abundante caldo; aos presos doentes é fornecida canja, sem quaisquer temperos. O médico da Penitenciária vigia cuidadosamente a marcha das doenças, preceituando criteriosamente o que é necessário.

Passamos agora às oficinas de móveis. São importantíssimas. As melhores casas de Lisboa, são arrematantes dos trabalhos feitos na Penitenciária. De lá saem alguns dos móveis mais bonitos que se admiram nas montras.



Os reclusos são aproveitados pelas suas profissões. Trabalha-se com afin. Desenham-se já interessantes modelos. Outros estão prontos a partir. Um mestre tem a seu cargo uma vintena de homens. Há ordem e disciplina, que se respeita sem esforço. O trabalho absorve as atenções, monopoliza o espirito.

É a hora mais feliz do recluso. O amargo cálix da vida esquece nêsse momento. Entregues ao seu labor, o tempo vai mais depressa, aproximando a redenção que a liberdade glorifica. O recluso que trabalha, ganha. O seu salário, vai desde 1\$00 — um aprendiz — até 11\$50 diários. Além de o não manter em inactividade, criando-lhe o hábito de ocioso, dá-se-lhe também um estímulo. Justíssimo. Quem produz tem direito a recolher o fruto do seu labor. Este dinheiro, é distribuído da seguinte maneira: 30 % para um fundo de reserva, que lhe será entregue quando sair em liberdade; 25 % para o fundo disponível — que o preso levanta para as despesas que pretenda fazer; 25 % para a família; 10 % para a parte olendida; e 10 % para o Estado. Uma verdadeira caixa económica, que está a cargo da própria Penitenciária.

Há reclusos que ao recuperarem a sua liberdade, amalharam alguns bons escudos. Proporcionam-lhes também o ensejo de se acharem com possibilidades de orientarem os seus passos, mercê das reservas materiais com que saíram.

Depois das oficinas de mobiliário, vamos até à de sapataria. Um contingente numeroso de especialistas. Têm fama os botiões confeccionados na Penitenciária. Há ali artistas consumados na matéria.

As imagens prosseguem: é desenrolam-se cadenciadamente ante meus olhos. Oficinas de mosaicos, cesteiros, serralhação, tipografia e de polidores. Aqui, uma demora maior. Observo o trabalho veloz e consciente dos operários-reclusos.

— Aquê — diz-me o sr. Silva Sanches — deve conhecê-lo, de nome. O número — 281 — aposto nas costas e nas pernas do traje característico, nada me sugere...

— É o «Rei da Evasão»!... O «Sargento Bera»!

É ele, efectivamente. Tipo desempenado, expressão dura, dum olhar arguto — de falas curtas.

Dá ordens, rápidas, incisivas. — Este homem, que aqui está há quatro anos, é um caso curioso e ao mesmo tempo demonstrativo de como o trabalho faz bem. Quando entrou não tinha qualquer profissão.

«Nada sabia, nem ler. Hoje é chefe dos polidores, por mérito próprio. Perfeitíssimo no seu trabalho, activo, zeloso, cumpridor e respeitador. Agora, por exemplo, é ali está ensinando um que nada sabe. E fá-lo de maneira que o inexperiente não leva muito tempo a assimilar. Hoje também já sabe ler. Tem a ânsia da liberdade, e por tal se celebrou».

«A história da sua última tentativa de fuga é curiosa — pelo desfecho».

«Simulou — mercê de um boné que arranjou e enterrou até os olhos, e depois de ter virado do avesso o seu fato, — um electricista. Logrou sair da cela, o que já é difícil. Achou-se, finalmente, no último obstáculo: o portão que dava para a rua e a respectiva sentinela... — Quem é você? — esta lhe perguntou. — Electricista, lhe respondeu serenamente o «Sargento Bera». — Passe!»

Do outro lado era a liberdade, a ambicionada liberdade!... Avançou, em passo resolutivo. No último instante, porém, a sentinela teve um rebate íntimo, um pressentimento... O espectro da responsabilidade está sempre presente e vigilante...

Embargou-lhe o caminho. — Espere. Preciso certificar-me da sua identidade!... Estavam por terra os seus sonhos. Tudo perdido. Num gesto de desalento, mas espontâneo, rendido à evidência, desbaratou-se dos distarcos e clamou:

— Não sou electricista. Não se fala mais nisto. Tinha de falhar. Pronto. Chame a guarda!

E, escollado, lá se foi, recolhendo à sua cela.

Deixo o «Sargento Bera» entregue à sua faina. Sempre amável e excelente conversador, o sr. Silva Sanches é um cicerone ideal. Simplesmente, é impossível, em tão pouco espaço, dizer quanto anotei, os pormenores múltiplos que se me depararam. Não cabem numa simples reportagem. Há que ser conciso.

Uma larga faixa de terreno, num prolongamento dum dos bicos da estrêla, é aproveitada para horta. Crescem várias espécies de hortaliças. Cultiva-se também a batata. No momento, a Penitenciária dispõe de hortaliças conhecidas, todos homens do campo.

A obra social da Penitenciária, onde presentemente se encontram 693 presos, pelos mais variados motivos, sintetiza-se numa palavra: admirável!

O sr. doutor Almeida Eusébio tem dado uma orientação primorosa aos serviços em que superintende. O seu espirito requintado, manifesta-se em cada medida que adopta, sempre norteado por um inflexível sentido de rectidão.

No sr. Ministro da Justiça tem encontrado, de resto, o sr. dr. Almeida Eusébio, a mais pronta e decidida colaboração.

Os presos, que entraram inaptos, saem aptos para uma vida nova. Deve-se ao sr. Silva Sanches um gráfico elucidativo, que mostra quais as profissões preferidas pelos que nenhuma possuíam.

Passemo-lo em revista: de 189 reclusos sem profissão, 20 mestres conseguiram fazer 83 marceneiros, 80 polidores, 13 carpinteiros, 3 serralheiros, 6 mecânicos e 4 serradores.

Preparam-se assim uns individuos para a vida e reducam-se outros.

(Continua na pág. 12)

QUEM ROUBOU? ONDE ESTÁ? QUE CONTÉM?

Até ao dia 31 de mês próximo, todos os leitores da «Vida Mundial Ilustrada» e do nosso folhém policial «A Estera Misteriosa» têm uma oportunidade para pôr à prova as suas qualidades de sagacidade e perspicácia.

Acompanhando a leitura da obra de Max Felton, todos podem tomar parte num curioso concurso. Basta que, até ao dia 31 de Março nos mandem, em carta fechada, as respostas a estas três perguntas ligadas com a acção do romance:

- 1.º — Quem roubou a estera misteriosa?
- 2.º — Onde está a estera misteriosa?
- 3.º — Que contém a estera misteriosa?

Os leitores que acertarem com as respostas ficam habilitados a três prémios, a atribuir da seguinte maneira:

- 1.º prémio — A quem acertar com as três respostas.
- 2.º prémio — A quem acertar com as respostas a duas das perguntas.
- 3.º prémio — A quem acertar com a resposta a uma das perguntas.

Damos, a seguir, a indicação dos três prémios que «Vida Mundial Ilustrada» oferece para este sensacional concurso:

1.º PRÉMIO — UMA VALIOSA COLEÇÃO COMPLETA DOS ROMANÇOS POLICIAIS E DE AUDACIOSAS AVENTURAS DO PRINCÍPE SAVIL — O HERÓI QUE SE ODEIA E QUE SE AMA — DA AUTORIA DO GRANDE ESCRITOR AMERICANO JOELSON.

9 LIVROS — 9 ROMANÇOS — 9 MISTÉRIOS

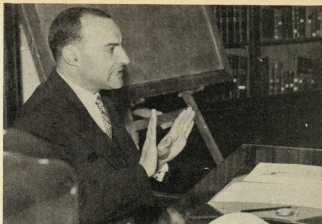
- 1 — O rapto de Miss Damby.
- 2 — Os forçados da ilha sem nome.
- 3 — Um crime nas ruas de Nova-York.
- 4 — O tenebroso mistério do Bairro Chinês.
- 5 — A mulher jogada aos diabos.
- 6 — A história sem nome dum homem sem pernas.
- 7 — O clube dos «gangsters».
- 8 — Um grito no 65.º andar.
- 9 — A dança do sabre.

UM PRÉMIO ADMIRÁVEL, UMA COLEÇÃO DE ROMANÇOS QUE FICARÁ BEM EM QUALQUER BIBLIOTECA

2.º PRÉMIO — UMA DAS MELHORES OBRAS DO GRANDE ESCRITOR INGLES EDGAR WALLACE.

O INTRIGANTE (THE MIXER). Um livro assinado por um dos melhores autores do género policial de todo o Mundo.

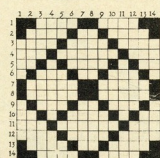
3.º PRÉMIO — DOIS ROMANÇOS DA CONSAGRADA «COLEÇÃO DETECTIVE»: O CAO POLICIA, de Nelson Mackay, e A TRAGÉDIA DO PALHAÇO, de James Black.



O SR. DR. FRANCISCO CAMBURNAC durante o seu concurso para professor do Instituto de Medicina Tropical

VARIADAS PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 14



Leer que tem a seu cuidado crianças de famílias nobres (pl.). 14 — Escuro; Cálculo aproximado.

Solução do problema n.º 13

HORIZONTAIS: 1 — Ha. 2 — Cola. 3 — Curuma. 4 — Bananola. 5 — Sot. 6 — Oba. 6 — Téz. Ova. 7 — Hita. 8 — Oper. Taró. 9 — Uda. 10 — Ala. 11 — Exsovo. 12 — Adila. 13 — Seto. 14 — Od.

VERTICAIS: 1 — Hora. Oleo. 2 — Can. Xis. 3 — Cas. Ena. 4 — Buzarote. 5 — Selada. 6 — Tipá. 7 — Ho. 8 — Alaz. Vito. 9 — Amo. Elo. 10 — Ala. 11 — Abortivo. 12 — Avoda. 13 — Alra. 14 — An.

HORIZONTAIS: 1 — Arqui. Escritor. 2 — A segunda das cinco partes do mundo; Sadia; Estéoa. 3 — Marco militar; Permanece; Cevada. 4 — Manto; Doutor da lei, entre os judeus; Interjeição. 5 — Contração de preposição e artigo; Vogal; Líquido oratório e infamável; Vogal; Língua românica que se falava entre o Loire e os Pirinéus. 6 — Vogal; Formiga de roça; Pertence; Quatro bem; Vogal. 7 — Desde o princípio; Parapente de fortaleza. 8 — Ave galinácea (pl.); Que pertence a outrem. 9 — Consoante; Certo peixe plectognato; Sob; Hora do ofício divino; Vogal. 10 — Interjeição; Consoante; Mulher carregada de enfeites; Consoante; Exquisição. 11 — Muito; Branco como leite; Consentimento. 12 — Bolina; Travar; Pessoa que é o alvo de todas as atenções. 13 — Embarcação ligeira com dois mastros e pano latino; Preposição e artigo; Ponta da vésgrá. 14 — República da Itália; Metalóide de cor de castanha esverdeada.

VERTICAIS: 1 — Gelo, à superfície da água dos tanques; Albarno. 2 — Planta umbelada de aplicações culinárias; Outra coisa; Mulher muito formosa. 3 — Espécie de cruz em forma de X; Espécie de cejonha; Levantar. 4 — Grande quantidade; Planta medicinal aromática; Ligo. 5 — Entre nós; Consoante; Preposição. 6 — A hístia; Artigo (pl.); Expiação. 7 — A cor verde; Farta. 8 — Um dos signos do Zodiaco; Parede meia. 9 — O espaço que dura a revolução da Terra em torno do Sol; Artigo feminino (pl.); Ar. 10 — Que foi, antes seja; Cada uma das metades do navio, considerado longitudinalmente. 11 — De modo nenhum; Osso do braço, da espádua ao cotovelo (pl.); Fica. 12 — Ao contrário; Princípio de podridão na fruta; Grémio. 13 — Rbato; Preposição e artigo; Mu-

PROLONGUE OS 18 ANOS ATÉ OS 50

Se a idade é que muda... A frescura é sempre a mesma para as mulheres que usam

creme D'Argy

• Creme nutritivo • Super-Macuminado •

Porquê?

Não é capricho da natureza, nem lamentoso reclamatório. É porque além da simples acção superficial de embelezar ou amaciar a pele, este creme contém vitaminas, o único e poderoso alimento das células epidérmicas, que assim podem rejuvenescer, reavivar, voltar a ter saúde e frescura graças ao processo exclusivo descoberto pelo inágnite dermatologista de Puzia, Dr. Charpy.

Use diáriticamente CREME D'ARGY n.º 2 para uso nocturno. CREME D'ARGY n.º 1 para uso diurno.

B.B.C.

A VOZ DE LONDRES

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

| Horas | Estações | Ondas curtas |
|-----------|--------------|--|
| 12.15 | Noticiário | G R Z 13.86 m. (21,64 mc/s) G S O 19.76 m. (15,18 mc/s) |
| 12.30 | Actualidades | G R V 24.92 m. (12,04 mc/s) |
| 21.00 (*) | Noticiário | G R X 30.96 m. (9,69 mc/s) G S B 31.55 m. (9,51 mc/s) |
| 21.15 (*) | Actualidades | G R T 41.96 m. (7,15 mc/s) |

(*) Este período de Noticiário e Actualidades ouve-se também em ondas médias de 261,1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.506 metros (230 kc/s).

Criai o hábito de ler «LONDON CALLING», semanário ilustrado e órgão oficial da B. B. C.

A' venda nas principais tabacarias e na Livraria Bertrand, R. Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1\$20.

PANORAMA INTERNACIONAL

(CONCLUSÃO DA PÁGINA SEIS)

mente. A esquadra alemã conseguiu o seu objectivo. Os factos são estes substancialmente, e com justiça os acontecimentos bateram palmas.

Mas a questão é uma vez assim posta, tem de ser avaliada sob dois pontos de vista: um técnico, outro dos resultados estratégicos. É pergunta-se. Os ingleses não lucraram com ver sua de mãos estendidas grandes unidades que poderiam surgir-lhes no Atlântico? Não procedeu bem o Almirante não trazendo no Estreito de Dover unidades de combate que possivelmente sairiam avariadas? Ouçamos Churchill nos Comuns no dia 18:

«Se bem que tal possa constituir uma surpresa para a Câmara e para o público, deuo declarar que, segundo a opinião do Almirante, cuja colaboração é das mais corajosas, este abandono por parte dos alemães da posição que occupavam em Brest vem de claramente melhorar a nossa situação. Terminou a ameaça contra as rotas seguidas pelos nossos comboios, e o inimigo foi obrigado a abandonar a posição vantajosa. Terminaram os ataques áquela porta, para os quais éramos obrigados a desviar grande parte do nosso potencial de bombardeamento aéreo, ataques áquelles, se bem que necessários, tão corajosos eram: tudo isto terminou, sendo agora possível atacar a Alemanha em motor escalar. Além disso, as nossas bombas, quando falharam o alvo, caíram sobre casas alemãs e não francesas. Devo acrescentar que tanto o «Scharnhorst» como o «Gneisenau» sofreram avarias que os conservarão afastados de toda e qualquer serviço por bastante tempo, após o que ainda terão de proceder a experiências de artilharia e outros exercícios. Antes que possa vir a desdobrar de novo qualquer papel nesta guerra, já a Armada Real está reforçada com importantes unidades de grande classe, e a mesma succedendo à marinha dos Estados Unidos, a qual foi o nosso sentimento, a nossa posição marítima sobre o Atlântico, em vez de ter sido agredida, ficou notavelmente fortalecida.»

Em face disto não há a gente entende, ficamos apenas sem perceber como a imprensa inglesa explodiu em recriminações, chegando o Times a dizer que o almirante Fisher é o que o Duque de Medina Sidonia não conseguiu — negando valor ao adversário alemão que assás largamente o tem provado e supondo que a guerra naval de hoje iguale a do tempo da Invencível Armada! Sensatamente comentou o Daily Herald: «Se nos levantamos em recriminações contra os culpados, se experimentamos — como alguns gostariam — claramente de fazer — conjurar os factos da nossa falta de sorte com uma crise política, tornar-nos-emos mais necessários do que nunca.»

A suposta ferida do orgulho britânico não resiste a dois minutos de análise. Se o Repulse e o Principe de Gales se afundaram em Malaca é porque, evidentemente, não tiveram as defesas aéreas dos navios alemães na Mancha. De resto passaram sempre por all combóios ingleses raras vezes tocados, e agora mesmo atravessaram outros do Mediterrâneo em plenas condições. Churchill mandou proceder a um inquérito. Mas a verdade já anda à toa de água e ela não supõe realmente, e não se por necessidade, a existência duma crise de governo num caso de mera chance de guerra que favoreceu os ale-

mães. Quos Jupiter perdere vult... O fabulista não era, porém, de origem saxonica.

Outro facto avvolvou a agitação politica na Inglaterra. No dia 15, Singapura capitulou. O general Percival e o general Wamashita assinaram a respectiva acta. O presidente do governo japonês celebrou o feito considerandoo ocupadas etodas as bases britannicas e norte americanas da Asia Oriental e convidando a India a colaborar. Singapura mudou de nome geografico nas cartas japonesas. Chamou-se Shonanku em japonês, ou «porto luminoso do sul».

A conclusão de Tojo é excessiva. A perda de Singapura estava descontada e há muito pelas razões que Churchill apontou: falta de meios e impreparação americana. O Primeiro Ministro no dia 15 acudia à rádio ao encontro eventual de depressão na opinião pública, e com razão recordou aos ingleses que o povo russo nos muros d'is, uniu-se aos seus chefes e não perdeu a confiança nem tratou a sua pátria.

REALIDADES

A posse de Singapura val permitir ao Japão o assalto para o Sul ás posições de «Suez», «Australia», e Austrália. Mas já precipitadamente se vislumbra o Império do Sul Nascente senhor dos portos do Indico e a atacar de revez o Canal de Suez! Mais devagar! O Japão domina parte dos arquipélagos e não a Asia. Os portos de interesses nipónicos deitaram água fria, em tantos fervores que a «Hayas» emolou e espanhou.

O problema do Sudoeste do Pacifico ainda não se desdoto das suas bases. Só a cequeira partidária dos grupos opositoristas ingleses pode explicar pela capitulação de Singapura a transmutação do mundo e as prescriptivas da decisão da guerra. A Inglaterra perdeu uma base formidável, mas sem meios, provado ficou que de pouco lhe valia. Maior perda é a das tropas prisioneiras e do material.

Os condutores militares do Japão vêem as coisas com lucidez apontando à India e a Xun-King «Chan-Kai-Shek» a tentar convencer os chefes indus a um esforço militar de defesa nacional. E bom lembrar que a India é uma massa de rellaxos de perdidos e castos, por vãos interesses o inimigo pode agir. A Inglaterra facilmente dará à India o seu titulo constitucional de Dominio, mas não a independência que dentro em pouco poria o enorme país à mercê de quem mais audaz fosse. A India nunca foi império unido. O sonho de Gandi e de Nehru é um sonho de papel. Saiba o bem quem conheça aquele terreno movidojo.

A India defende-se do Japão na Armada e na Birmânia e na China que, em um bando, não a armada norte-americana, a guerra do Pacifico está decidida. Por isso mesmo a entrada de tropas chintesas no Siao representa até hoje o grande estorbo dos Aliados. Uma vitória daquelle lado e em tal direcção cortaria cérca Malaca e poria Decoux com dono, na sua obra infernal contra a Inglaterra na Indochina, onde as cores francesas desbotaram.

ESCUTA ROMA!

(Centro Rádio Imperial da «EIAR»)

NOVO HORARIO

NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

| Postos | Ondas | Horas de Portugal |
|---------|----------|-------------------|
| 2 RO 4 | m. 25.40 | (KCS 11810) 7,50 |
| 2 RO 6 | m. 19.61 | (KCS 15300) - |
| 2 RO 17 | m. 15.31 | (KCS 19590) 11,00 |
| 2 RO 17 | m. 15.31 | (KCS 19590) 15,30 |
| 2 RO 6 | m. 19.61 | (KCS 15300) 20,10 |
| 2 RO 4 | m. 25.40 | (KCS 11810) - |
| 2 RO 15 | m. 25.51 | (KCS 11760) - |
| 2 RO 3 | m. 31.15 | (KCS 9630) - |
| 2 RO 11 | m. 41.55 | (KCS 7220) - |
| Ondas | m. 221.1 | (KCS 1357) 30,10 |
| meódios | m. 263.2 | (KCS 1140) - |
| 2 RO 4 | m. 25.40 | (KCS 11810) 22,10 |
| 2 RO 15 | m. 25.51 | (KCS 11760) - |
| 2 RO 3 | m. 31.15 | (KCS 9630) - |
| 2 RO 11 | m. 41.55 | (KCS 7220) - |
| 2 RO 6 | m. 19.61 | (KCS 15300) - |
| 2 RO 18 | m. 30.74 | (KCS 9760) 23,00 |
| 2 RO 6 | m. 19.61 | (KCS 15300) - |
| 2 RO 4 | m. 25.40 | (KCS 11810) - |

COMUNICADOS DO QUARTEL GENERAL ITALIANO
EM LINGUA PORTUGUESA

2 RO 17 m. 15.31 (KCS 19590) das 11.15 até 11.25

NOTA: Aos domingos, das 20.20 horas, e das quartas-feiras, das 20.10 horas, serão radiodifundidas palestras em lingua portuguesa.

Em M. 25.70 (KCS. 11695) e 30.52 (KCS 9830)

Vê se isto bem a Inglaterra? Ao abriremos o Jã elãto número do Daily Mail de 17 encontramos o peço de noticias e comentários sobre os avanos nipónicos, e dedicando somente onze linhas à frente do léste europeu onde, no entanto, na linha de Vitebsk acaba de dar-se um facto de extraordinária importância: — a penetração do exercito russo na Rússia Branca... E é provável que Hitler olhe mais para all do que o Daily Mail, e que Roosevelt file com mais atenção o andamento de dez petroleiros nas costas da Venezuela, do que os clamores dramáticos que ressoam na Londres.

DESPÉCHO

A resaca destes sucessos originou a modificação do gabinete inglês. Churchill continua no seu duplo posto de Primeiro Ministro e Ministro da Defesa. Allee aparece Primeiro Ministro adjunto e Secretário de Estado dos Dominios, Stafford Cripps vem occupar como Lord do Selo Privado e representante nos Comuns o lugar anterior de Allee. A direcção suprema de toda a produção foi confiada a Oliver Lyttelton. É Beaverbrook?

Ao que se vê, era de hoje o bode escapatorio da crise, de cada vez, por isso mesmo, menos comprehensivel e de fora, da galeria do publico.

Convidado a participar do novo Gabinete de Guerra, declinou, por motivos de saúde. Partirá em breve para os Estados Unidos, dizem as folhas — onde trabalhará na importante missão, que já empreendeu,

respeitando à coordenação dos recursos das nações unidas, assim como em outras missões, que lhe podem ser confiadas de tempos a tempos pelo gabinete de guerra, assim constituído.

O afastamento de Lord Beaverbrook reputamo-lo grande perda para o ministério britânico e para a Inglaterra.

Estas crises politicas quando a guerra está no auge, afirmam-se nos brincar com o fogo. A Inglaterra tem um homem cujo nome deve escrever com multicausas: Churchill. Não tem outro. Há três anos, uma alta figura britânica dizia-nos: — a Inglaterra precisava de um Disraeli, e já não o tem. Aparece-lhe o homem. O receio geral é que o entorpeçam e o pelem.



CHURCHILL. Ministro adjunto e Secretário de Estado dos Dominios, Stafford Cripps vem occupar como Lord do Selo Privado e representante nos Comuns o lugar anterior de Allee. A direcção suprema de toda a produção foi confiada a Oliver Lyttelton. É Beaverbrook?

Ao que se vê, era de hoje o bode escapatorio da crise, de cada vez, por isso mesmo, menos comprehensivel e de fora, da galeria do publico.

Convidado a participar do novo Gabinete de Guerra, declinou, por motivos de saúde. Partirá em breve para os Estados Unidos, dizem as folhas — onde trabalhará na importante missão, que já empreendeu,

VOCALCADA DA GLORIA

SINFONIA DE ABERTURA

TODOS os dias aparecem livros de versos, em regra firmados por autores novos. Este inquietante sarrampio literário continua por todos os quatro cantos floridos de Portugal a fazer inexoravelmente as suas vítimas.

Raro é o dia em que, sob os nossos olhos, não cai, um livro quasi sempre minúsculo, ingenuo e infantil, em cujas páginas um poeta, qual sempre lamberbe, se permite o luxo de rimar vinte, trinta, quarenta vezes, a palavra amor. É necessário rehabilitar o livro de versos. A atmosfera de ridículo que possa envolver certos volumes de desatinhos poéticos não envolve apenas o seu autor; alastra, como uma sombra, na luz doirada do Parnaso. Os verdadeiros poetas acabam por ser atingidos. As próprias Musas, não obstante o seu carácter divino, difficilmente resistirão à tempestade. Se não se criar a sfronte únicas contra as mais poetas que nascem todos os dias, como moçaricos liricos, não será fácil amanhã respirar a autêntica Poesia do discreto, que pode atingir-la — sem afinal ela dar por isso.

ERICO BRAGA, FILHO

HA dias, o filho de Erico Braga — seis anos vivos e esperto como um demónio — fez certa maldisco. O pai soube do caso, chamou-o peiza e disse-lhe, de olhar carregado: — O menino prepare-se que eu tenho de lhe dar dois açotes... Logo o nosso homem de palmo e meio, fazendo beicinho: — O papá pode bater-me, se quiser, mas eu preparar — não me preparo...

UM AFRICANISTA

UM dos nossos maiores proprietários em Africa, senhor de avultada fortuna, não se livrava de certos zuns-zuns que se faziam a sua volta. Certa vez falava-se dele, num grupo, dizendo-se que elle arranjara os seus grócos, cabedais negociando em peles. Imediatamente o jornalista Mayer Gação, que estava presente commentou: — Em peles... com pretos dentro!

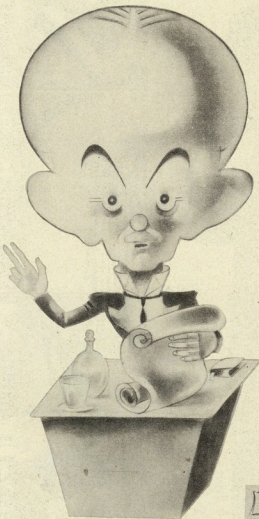
LABICHE

POLICAS horas antes de morrer, Labiche, que era o espirito em pessoa, foi visitado por um dos seus medicos. Este examinou-o, como sempre, e a certa altura disse-lhe: — Dá-me a sua mão. Queria-lhe ver o pulso... Imediatamente Labiche, com os olhos semi-fechados: — Mas dá-me outra vez, ou fica-me com ella!

ESPECIALISTAS

PORQUE se fez especialista de doenças de pele — inquiriram um dia de certo medico de Berlim. — Por três motivos — respondeu elle. Primeiro, porque é uma enfermidade em que os doentes não chamam o medico, de noite; segundo, porque é uma doença de que os clientes não morrem; e, terceiro, porque todo um mal quasi sempre incurável, obriga a clientela a ser assistida no consultório.

O HOMEM DA GRAMÁTICA



É bem certo que os homens não se medem aos palmos. Se assim acontecesse não teríamos talvez de escrever hoje as palavras que vão ler-se, acompanhando o retrato — perdão... — a caricatura dum homem que fisicamente não ocupa o volume de alguns centímetros cúbicos. Na verdade, o dr. Agostinho de Campos é, como o seu pequenino vulto, uma figura que mede-se vé. Lanquiere disse-nos uma vez, falando dele: — Dá impressão dumha virgula, movendo-se em plena rua». E, entretanto, exactamente porque os homens se não medem aos palmos, este homem pequenino, encolhido, como uma sombra, num modesto involúcro de caso, é, espiritualmente, uma das nossas mais fulgurantes individualidades literárias. Com os seus 72 annos leitos, está em plena moedade de espirito. Escreve, fala, discute, pontifica, e nem sequer lhe falta essa grã de rubricar que é prerogativa das crianças. Sendo intelectualmente um forte, tem um fraco: a Gramática. É a sua dama. Por ela vem erguendo há umas boas dezannas de annos a sua espada — que não é, rimal, sendo a sua pena. Amar com amor se porra. Se a Gramática lhe deua muito, ão não lhe deve menos. Foi a Gramática — a Gramática franqueada — que o meteu na politica: foi a Gramática — a Gramática de punho de rendas — que o levou à Academia. A sua maior preocupação é a Gramática, sempre a Gramática, indistiguivelmente a Gramática. Quando se inaugurou a lápida comemorativa de que na casa onde mora Agostinho de Campos mora Sua Ex.^{ta}, essa lápida não poderá deixar de afirmar: — Aqui nesta casa mora o dr. Agostinho de Campos, homem de semântica e cujos pontos de vista gramaticais temos gloriosamente de gramar».

A ALMA DE MAZZARINO

FORAM dizer a Luiz XIV que o cardinal Mazzarino acabava de entregar a alma a Deus. — Preguntou o cardeal: — E Deus aceitou-a?

NICOLAU TOLENTINO

MARTIRIZADO por certo barbeiro, dizia-lhe Nicolau Tolentino: — Barbeiros de levar coiro e cabelo, conhecia eu: agora deixar o cabelo e 'levar o coiro — é a primeira vez que encontro!

VERBO AMAR

CONJUGUEM o verbo amar em todos os tempos — excepto no presente.

FÓSFOROS

APARECERAM agora umas novas castas de fósforos que trazem na tampa, pintada, uma nuca de velas erguidas. A avaliar pela allegoria, estes fósforos destinam-se apenas a acender velas...

QUEIXOSOS

EM plena audiência. O juiz para o queixoso: — Lembra-se se estava mais algum presente quanto o réu o apregia? O queixoso: — Creio que estava só eu!

LIRISMO ACTUAL

UMA quadra inédita do festejado poeta Silva Bastos — festejado é o termo — e que se me affigura uma imagem perfeita, embora caricatural, do vertiginoso lirismo típo característico da hora que passa:

U... u... u...
E... e... e...
Ruf... ruf... ruf...
Tefe... tefe... tefe...

MÓSICA

NUM concerto musical recente. A certa altura um sujeito pediu amavelmente a outro que estava no seu lado direito: — Fazia-me um obsequio? — Pois não. — Podia-me informar se o último trecho que ouvimos foi alguma coisa modernista ou se foi a orquestra a afinar os instrumentos?

SCHWALBACH E BRUN

EDUARDO Schwalbach mora, há muitos annos, num tranquillo segundo andar da Calçada da Estréla. A escada que dá accessio ao andar não é positivamente das mais seguras do universo. Conta-se que uma noite André Brun foi a casa do autor da *Bisbitho-teira*. Quando vinha, porém, a descer, depois da visita, escorregou num degrau e veio cair junto da porta de entrada e logo elle a gritar para Schwalbach: — Uma escada como esta devia ter como guarda-portão um medico, me: bom amigo!

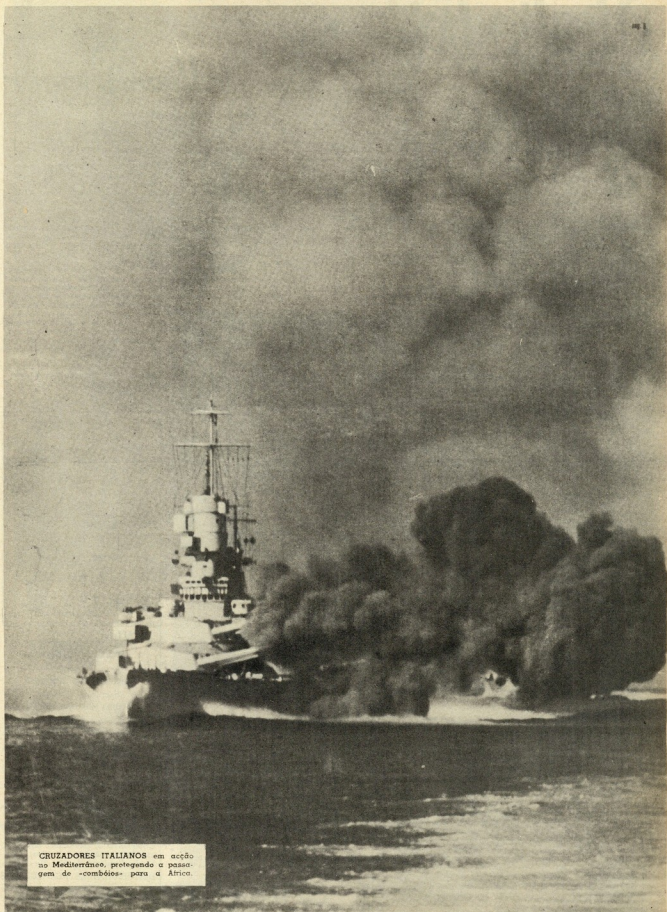
Luiz S. Oliveira

Stafford Cripps

novo ministro inglês



A ENTRADA DE SIR STAFFORD CRIPPS para o governo inglês, há tanto tempo aguardada, acaba de se verificar. O grande advogado britânico e antigo embaixador da Inglaterra em Moscou foi, na recente remodelação ministerial operada por Churchill, nomeado Lord do Selo Privado e «leader» na Câmara dos Comuns. Damos nesta página alguns aspectos da vida do novo membro do governo inglês. À esquerda, uma foto tirada nas ruas da capital russa, mostrando Stafford Cripps com os filhos próprios do pai, e o casaco de astrakhan e as luvas de aviador. À direita, em cima: O novo ministro com sua filha Diana e um dos três cães, que são um dos motivos de orgulho da família — «Dzong», um animal sagrado do Tibet. À direita, em baixo: Um aspecto da vida de trabalho de Sir Stafford Cripps: um dia inteiro devotado à leitura das cartas oficiais e particulares e ao estudo dos mais variados assuntos.



CRUZADORES ITALIANOS em acção no Mediterrâneo, protegendo a passagem de «combóios» para a África.

Teatro português

Visto por Álvaro Benamor

S há uma desena de anos, eu padecia visionar o estado precário a que chegaria, ante nós, a arte teatral, decerto teatral prosaico, trágico, lamentavelmente, «in umbra», — no velho casarão do Arco a Jesus — o estudo do grego e do latim.

Mas tinha então vinte anos, — a decantada idade das quimeras — e, uma arte de eterna metamorfose, de vida espiritual intensa, era grata aos meus sonhos de adulescência.

No teatro — talvez pelo meu arreigo aos clássicos — eu via sempre o encanto da pompa dionisíaca, o esplendor do drama ateniense: Quantas vezes pensei como seria belo resurgir a tragédia antiga num antiteatro de linhas sóbrias e puras à maneira das da velha Hélade!

Correu porém o tempo. O sonho evaporou-se. A realidade mostrou-se, salvo excepção raríssima, uma arte irremediavelmente industrializada nas mãos de vulgares comerciantes sem sombra de inteligência ou de cultura.

O teatro perdiera a dignidade primitiva. Dia a dia a sua situação foi-se agravando, e, de queda em queda, chegou ao actual estado decadente.

Hoje — perante uma materialidade desoladora — o artista concial chisno de mágoa que lutar é inútil e ingratificante. Num meio de desordem e desagregação a arte não pode progredir.

O trabalho do artista, puramente intelectual, deve desenvolver-se numa atmosfera de liberdade e prospera. Ora, época de incerteza e inquietação constantes não se alcança o «otium», esse sossego doce, propício à produção artística. Preso às miseráveis contingências da vida, o actor deixa de representar pelo prazer estético de representar, e, raramente cria beleza.

O público afasta-se cada vez mais do teatro declamado. Porquê? Por deficiência de produção, por falta de artistas? — O problema é complexo...

De longe em longe surge uma realização perfeita, mas sempre perante a indifferença do público. Pode em parte encontrar-se a explicação — e não pouco importante — no factor económico, mas o desinteresse provém principal e infelizmente da falta de preparação estética individual.

Ainda se encontram os verdadeiros crentes, aqueles que não desertam, os que não renegam a religião magnífica do Teatro; esses porém constituem uma «élite» inautentica para manter o culto.

No tempo presente aquele que segue a escada ao Acropolis vê poucos féis à sua volta e raríssimos escaldando os Propytees.

Poderíamos, hoje, dirigir ao nosso público o mesmo apelo de Terêncio nos romanos: «Prove-te, cidadão, que por vossa culpa, a arte do teatro se dirija a uma minoria!»

Mas como fazer de cada cidadão um devoto?

Aparece evidente que a principal tarefa cabe às classes privilegiadas a quem cumprir manter um nível cultural e artistico que seja exemplo benéfico para a educação do povo.

Alguma coisa se tem feito, mas isoladamente, sem a penitencia profunda e salvadora. É preciso mais, muito mais. O nosso teatro nos últimos anos, e, de dia para dia tem decido lamentavelmente a produção dramática nacional é escassa — consequência ainda

da futilidade da época, inútil nas artes, inútil nas letras!

Quando ao repertório clássico, esse mesmo reduzido também, só uma Empresa timidamente e com difficuldades vem representando uma ou outra vez. E os clássicos consagrados dos outros países?

Muito recentemente o público teve ensaio de assistir a um magnifico espectáculo: «Um sonho de uma noite de verão», de Shakespeare, no parque de Palhavá, resultado duma maneira geral e em bloco uma realização que se pode classificar de muito bela e que honra os seus organizadores.

A maioria dos assistentes, porém, nunca se abandonou ao brilhante sedução da alegoria. E não gostou. E aborreceu-se.

Diante de uma das mais encantadoras obras de teatro de todos os tem-

pos de Eschyro, Sófocles ou Eurípides e a sádica brillante de Aristóteles?

Toda esta glória litteraria vive excluída dos nossos palcos. A actual geração não viu representar uma única peça destes autores famosos. Como exigir afinal do público cultura e sensibilidade artistica?

Outro problema que convém estudar urgentemente, pela sua importância, é o da censura na litteratura teatral.

Uma excessiva severidade no julgamento de certas peças muito tem contribuído para o enfraquecimento da arte dramática. Nota-se de facto, nos censuras, demasiada severidade para com os obras do teatro declamado, do teatro «sério» e demasiada indulgência para deploráveis manifestações de mau gosto, que não muitas das nossas revistas, acontecendo precisamente

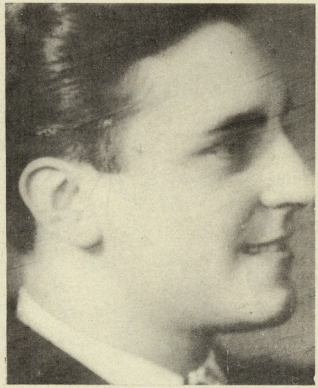
laxia dizer a Sólon que os gregos levavam as lílitas a ver as tragédias para lhes inculcar os bons exemplos e as comédias para os atastar do crítico.

«Este é sem dúvida um são critério.

Nunca devemos perder de vista a função educativa do teatro; será sempre obra elevada e pura quando almas e aperfeiçoando-as! Resumindo: sem um grande auxilio material e moral, sem um grande estímulo, sem a imposição de bons repertórios e bons conjuntos, seremos conduzidos irremediavelmente ao «come, theece, phare» do teatro e de toda a manifestação artistica.

O Drama, a Músico e a Dança — triade clássica — são alimento preciosissimo para a formação espiritual do homem. Ojalá venham a atingir, entre nós, a sua expressão máxima e divina!

E que a nossa melancolia presente se transforme em entusiasmo admirativo quando — num futuro próximo — numa arte de paz, equilibrio e harmonia, a ideia moderna encontre a ideia antiga, e, por um milagre de síntese, como um dia o pensou Isadora Duncan, se possam unir de novo as Artes e os Artistas!»



Álvaro Benamor

pos, grande parte do público — que foi ouvir Shakespeare com o burguesismo intelectual com que assiste a danques desconhecidos teatrais do Parque Mayer — abanava a cabeça desconsoado e bocejante.

Isto quer dizer que se deve desistir de dar bom teatro ao povo? Não! Justamente afirma a necessidade urgente de lhe patentear com muito mais frequência as obras primas da litteratura dramática mundial. «Depois de criado o gósto público, o gósto público sustenta o teatro», escrevia justamente há um século o restaurador do drama nacional.

É preciso pois representar mais peças de Shakespeare e não só essas mas também de Marlowe, Massinger, Webster, Congreve e tantos outros da pleiade brillante do teatro inglês. E ainda Molière, Racine, Corneille.

E por não se reconstituam as trágé-

Para se vestir com elegância, economia e perfeição, basta a duas coisas: boas lizenças e um bom alfaiate.

Ora é isso que se encontra na Rua Arco Marquez de Alagrete, 20, 1.^o

ALFAIATES

GOUVEIA & DIAS, L.^{da}

Vida Mundial a Illustrada

Director

JOSE CANDIDO GODINHO

Proprietário e Editor:

JOAQUIM PEDROSA MARTINS

Redacção e Administração:

Rua Garrett, 80, 2.^o - Tel. 25844 - Lisboa

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 1150\$ 6 meses (24 números) — 2200\$ 12 meses (48 números) — 4300\$. — África: 12 meses (48 números) — 6000\$.

Estrangeiro a/convenção — 12 meses (48 números) — 6500\$.

Estrangeiro a/convenção — 12 meses (48 números) — 8000\$.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Officinas Gráficas Bertrand (Imhoof), L.^{da} - Tr. da Condessa do Rio, 27 - Lisboa.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

Em Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.^o - Tel. 2 6942 - Lisboa

Vizando pela Comissão de Censura



UM ESTRANHO ENSAIO... — Se o público conhecesse todos os pormenores da preparação dum filme, era quasi certo que não se interessaria por êle, tão diferente é a realidade da produção artistica. Não deixa, porém, de ser curioso o desavender de certos aspectos da realização, um dos quais é o trabalho do realizador. Vejamos, por exemplo, os nossos leitores as situações e posições a que tem de sujeitar-se o realizador de Ginger Rogers num dos seus últimos filmes para ensaiar com a simpática artista uma cena banal que, depois de filmada e incluída na produção, não chamará especialmente a atenção do espectador: a queda da artista em cima duma cama.

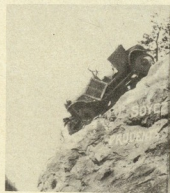
Imagens pitorescas do MUNDO



EM CIMA — Um formidável instantâneo duma cena de «cow-boys». À DIREITA — O divertimento duma antiga actriz-cantora: organiza combates de «box» entre os gatos de sua casa e os das pessoas amigas, com «ring», luvas e tudo



UMÁ EXCENTRICIDADE Nos grandes clubes nocturnos dos Estados Unidos está agora em moda o «ping-pong». Para tornar, porém, o desporto mais divertido, de que haviam de lembrar-se os americanos? De o jogar às escuras!... Para isso é preciso, evidentemente, que sejam de substância fosforescente certos objectos usados



PROFILAXIA DOS ACIDENTES — Um processo usado agora na Suíça para aconselhar os automobilistas a ser cuidadosos: Nas curvas, coloca-se um carro velho, meio destruído, e por baixo, um letreiro: «Seiz prudente!»



A PARTIDA DE NOVA-YORK dos voluntários norte-americanos que vão prestar serviço fora do continente. Numa tribuna, as autoridades assistem ao desfile que acaba de efectuar-se. Num cartaz lê-se: «Lembrem-se do Pearl Harbour»

